

## APRESENTAÇÃO – Dossiê Temático “Danças Negras na Diáspora”

O dossiê temático **Danças Negras na Diáspora: transmissão, poéticas, epistemologias e produção cultural**, publicado nesta edição especial da Revista Dança, sintoniza-se com uma demanda contemporânea na qual diferentes olhares sobre as múltiplas abordagens de dança e as formas de vida na diáspora negra encontrem-se, possibilitando compreender, em profundidade, as singularidades e os tensionamentos inerentes às suas poéticas políticas, formas de transmissão de conhecimento e abordagens teórico-metodológicas pertinentes.

É bastante significativo que esta edição especial possa, pela primeira vez em sua história, tematizar experiências negras no campo expandido dos fazeres de dança. No século XXI, as universidades públicas brasileiras estão sendo convocadas pela sociedade civil e pelos movimentos organizados a reavaliar seus currículos na perspectiva de contemplar os conhecimentos das artes e culturas africanas aqui transplantadas e recriadas, dando assim visibilidade a muitas epistemologias historicamente silenciadas, mesmo que existentes e estruturantes da nossa sociedade.

Nesse contexto, faz-se necessário construirmos um ambiente editorial no qual seja possível elaborar conexões entre a produção de conhecimento em Dança, seus enfoques poéticos, estéticos, filosóficos e educacionais, e os fazeres e saberes da diáspora negra. Tal demanda é estruturante e coincide com as urgências sobre o acesso das populações negras com seus saberes aos espaços de poder e produção de conhecimento, vide a mobilização nos últimos anos para a defesa da inclusão, fortalecimento e manutenção das políticas de ações afirmativas nos programas de pós-graduação no Brasil.

Os trabalhos aqui apresentados colocam em xeque o pressuposto etnocêntrico e embranquecido que qualifica o campo das Danças Negras como composto por conhecimentos essencializados, circunscritos à mera descrição de experiências dadas a priori de maneira ensimesmada e cristalizada. Apresentamos, aqui, um panorama diverso com diferentes abordagens que vislumbram poéticas, estéticas e modos de saber negros(as). Esses saberes constituem-se como campo aberto, transversal, múltiplo e em expansão.

A proposta de publicação do referido dossiê, junto ao Programa de Pós-Graduação em Dança (PPGDança/UFBA), é uma edição mais que oportuna e responde à necessidade de fomentar e difundir tanto o que se produz como os(as) autores(as) que vêm contribuindo com esse campo específico do conhecimento. O estudo das Danças Negras na diáspora inclui uma gama de abordagens diversas que incidem sobre as formas de educação e transmissão de conhecimento, os repertórios, as epistemologias e as poéticas de (re)criação, bem como as estratégias de produção cultural e seu debate com as políticas públicas.

Acreditamos ser oportuno questionar e problematizar as estratégias que as Danças Negras constituem para empoderar comunidades de artistas na diáspora; as relações dessas danças com o desenvolvimento de práticas antirracistas de formação para a cidadania; os tensionamentos entre as danças tradicionais, vernaculares e as performances artísticas na contemporaneidade; e a formação de uma dança diaspórica contemporânea que vislumbre táticas usadas pelas práticas de dança de artistas afro-brasileiros como mobilizadoras de afetos, cuidado, resiliência e solidariedade em suas comunidades.

Entender e (re)imaginar a presença negra na dança brasileira a partir da produção de comunidades, artistas, seus espetáculos e propostas pedagógicas são formas de revelar os poderes de um pensamento e de uma prática social contra-hegemônicas. Revisar concepções supostamente uniformes e eurocêntricas sobre a produção da dança no país e, ao mesmo tempo, reconhecer saberes do corpo, epistemologias e formas de atuação, resiliência e produção de comunidades negras na diáspora possibilitam compreender a força da dança como produtora de conhecimento, justiça social, diversidade e comunidade.

Ao refletir sobre os sentidos que embasam os fazeres-saberes de dança produzida por contextos não-eurocêntricos, ampliamos perspectivas sobre as trajetórias ocultadas pelo mainstream e renovamos olhares. São estéticas e poéticas inevitavelmente atravessadas por componentes políticos que enriquecem a arte da dança, de maneira complexa, crítica e poética. Inserida em dinâmicas histórico-sociais complexas, a produção das Danças Negras nos espaços da diáspora apresenta epistemologias e urgências tramadas por fazeres subterrâneos, ancestrais e periféricos. Essas estéticas expressivas resultam de modos de fazer e viver negros e informam formas de dança que mesclam diferenciação e similaridade, usos do corpo diversos, políticas de identidade, desejos por comunicar e anunciar mundos possíveis, investidos de poder, resiliência e energia.

Apresentamos, neste dossiê temático, um conjunto de **oito artigos** que se configura como contribuições de grande relevância acadêmica, advindas de professores(as) doutores(as), pesquisadores(as) doutores(as), doutorandos(as) e mestres(as) com suas investigações enredadas nos entrecruzamentos das coletividades com as subjetividades e, também, das tradições com as contemporaneidades dos contextos afrodiaspóricos. Esses fazeres corporais gestados na diáspora aglutinam e irradiam experiências negras. Seus olhares aqui reunidos constroem uma reflexão poderosa sobre esses saberes acumulados e os projetam como potência e formas de vida em transformação.

Inicia o dossiê o artigo **A Experiência com o Corpo Motriz: Criação e Poética em Dança Contemporânea**, do autor Kleber Rodrigo Lourenço Silva. Ele investiga a noção de corpo motriz a partir da análise do espetáculo *Negro de estimação* (2007). Esse conceito é erigido pelo intérprete criador ao sistematizar treinamentos corporais e procedimentos dramaturgicos a partir da releitura cênica de tradições populares. O criador posicionado politicamente investiga estéticas não hegemônicas e as relações de complementariedade que ocorrem no território da criação, questionando binarismos entre o erudito e o popular, a tradição e a contemporaneidade.

No texto seguinte, o autor Bruno de Jesus da Silva analisa o legado de Raimundo Bispo dos Santos, precursor da dança afro-brasileira na Bahia, com o artigo **Mestre King na Dança da Bahia: o Opaxorô como Metáfora de um Legado**, no qual propõe o Opaxorô como metáfora e episteme afrodiaspórica capaz de analisar a experiência do artista. O Opaxorô é um cajado sagrado do candomblé e simboliza a senioridade. Essa associação revela o senso de ancestralidade e a potência na renovação de sua memória a partir da disseminação dessas experiências pelas gerações mais novas. Por essa trajetória, convergem questões sobre o racismo estrutural e visibilidade dos fazeres e saberes de artistas negros.

Continuando com os debates, a autora Denise Mancebo Zenicola apresenta um panorama rico de encontros interculturais entre diferentes grupos cênico-coreográficos de Guatemala, Ruanda e Rio de Janeiro no artigo **Danças Negras em Afro Diásporas**. No texto, ela comenta sobre as dramaturgias e os arranjos realizados entre as linguagens e as cosmovisões dos grupos. Essas avaliações convocam uma autoavaliação sobre as práticas artísticas e inserção no campo das danças da diáspora negra. Denise vislumbra tensionamentos sobre as políticas de nomeação e identificação artística, uma geopolítica de pertencimento no fazer de dança contemporânea. Suas indagações avaliam as imagens sobre a África na diáspora, espaço de

encontro intercultural constituído de lacunas, apropriações e atualizações. Ao analisar uma série de encontros e trocas coreográficas, propõe entender suas dinâmicas de reinvenção, aproximação e assimilações como princípios de uma estética pós-colonial.

Seguimos, neste dossiê, com outro artigo, **A Construção da Identidade da Criança Negra pela Ludicidade do Jongu**, de autoria de Margareth dos Anjos Santos. Nele, a autora analisa a atuação do Grupo Cultural Afrolaje, do Rio de Janeiro, e como suas rodas de jongo constroem espaços de construção identitária para seus frequentadores, especialmente as crianças negras. A partir de considerações sobre os elementos constituintes do jongo, como os tambores, a roda, os pontos, a dança, as roupas e sua dinâmica oralizada e intergeracional, a autora reflete como os signos estéticos de negritude mobilizam ações e comportamentos afirmativos no processo de aprendizagem e socialização de crianças negras.

Já no artigo **Lá Vem o Maracatu Descendo a Ladeira: reflexões e apontamentos para ressignificações da Dança Afro-Brasileira em contextos acadêmicos**, do autor Jonas de L. Sales, questiona-se a existência de uma estética contemporânea em Arte. Arrisca diálogos possíveis entre expressões artísticas de tradições da diáspora negra e os fazeres de arte inseridos no universo artístico/acadêmico. A inspiração vem pela análise cinematográfica, com um olhar panorâmico sobre o Maracatu de baque virado e a apreensão de sua performatividade ancestral. A partir daí, imagens são decompostas e planos de composição possíveis apresentam um corpo singular. Nesse jogo de teorias e afetos, revelam-se o desejo de aproximação das poéticas das manifestações populares afro-brasileiras e sua dinâmica de aprendizados ancestrais, atualizações, ressignificação e resistência.

Temos ainda o artigo **Desenhos no Chão e Pinturas no Ar**, em que a autora Débora Campos de Paula faz inferências teórico-filosóficas sobre os processos de objetivação do corpo na modernidade, ressaltando como contraponto o local protagonista do corpo no pensamento negro. Anuncia um olhar afroperspectivista sobre as representações e epistemes do corpo negro e sua potencialidade enquanto contranarrativa ao logocentrismo. Ao longo da discussão, ela tece comentários sobre suas práticas pedagógicas nas danças afro-brasileiras, destacando os aspectos dialógicos e experienciais. O campo diaspórico afrorreferenciado é apresentado como local privilegiado no desenvolvimento de sentidos de ancestralidade, nos quais reverberam coletividades e individualidades, memórias e atualizações, nas quais o corpo configura-se num espaço de reinvenção, hibridizações e autoconhecimento.

Em outro artigo, **Território, Subjetividade e Recepção: a Festa do Coco criando espaço incorporado**, a autora Petícia Carvalho de Moraes analisa as dinâmicas da Festa do Coco produzida pela comunidade quilombo de Ipiranga, na Paraíba. A autora avalia o processo de retomada da brincadeira de coco e a formação do Grupo de Coco de Roda Novo Quilombo, bem como a formação do espaço da festa, seus sentidos de coletividade e a intrincada rede de relações entre os frequentadores da festa, familiares da comunidade e os visitantes, notadamente estudantes, pesquisadores e professores universitários. No texto, são apresentadas as negociações estabelecidas dentro da comunidade quilombola e o espaço da brincadeira da roda na formação de subjetividades, seus afetos e negociações. Por fim, aborda as políticas de reconhecimento, legitimação e fomento da cultura popular e seus impactos sobre a festa, mobilizando sua memória e repertório, bem como, as contradições entre as expectativas de seus diversos participantes e os processos de dessubjetivação dessas memórias no espaço vivo da festa. Finalizando o dossiê, apresentamos o artigo **Dança e Música dos Blocos Afro: fundamentos de uma poética e política negra**. Nele, as autoras Amélia Vitória de Souza Conrado e Sueli Conceição dos Santos analisam as contribuições dos fazeres artísticos, políticos e educacionais dos Blocos Afros soteropolitanos. Apresentam as estratégias do Movimento Negro contemporâneo, seus marcos históricos, seu esforço pelo reconhecimento das identidades étnicas multiculturais negras e sua luta antirracista. Ressaltam a Dança e Música dos Blocos Afro como campo epistemológico no qual o corpo é princípio fundamental de expressão poética e (re)criação de saberes. Por fim, apresentam a experiência do Grupo de Estudos de Danças das Deusas e Rainhas de Blocos Afro (GEDAR), evidenciando o papel estruturante das mulheres na manutenção de diversos fazeres artístico-culturais, na formação educacional afirmativa, na complexidade dos fazeres de dança e no desenvolvimento de tradições ancestrais.

Nesse coletivo de textos aqui apresentado, constitui-se, com grande pertinência, uma representatividade do nosso intuito compartilhado de construir um olhar sobre as estéticas diaspóricas nas Artes, verificando um modo de conhecer e atuar no mundo pelo corpo que dança. Essa atuação é capaz de acionar políticas da ancestralidade a partir da relação renovada e resiliente com suas poéticas em diversos espaços e modos de operação. Trata-se de entender e compreender que esses fazeres possibilitam vislumbrar aspectos das vidas negras nas Américas. As trajetórias dos fazeres aqui reunidos (suas atuações educacionais, profissionais e artísticas entre os espaços da diáspora) tecem uma intrincada rede, em cujos meandros circulam

discussões sobre identidades étnico-raciais na contemporaneidade, a luta antirracista no campo das artes, os fundamentos poéticos políticos da dança negra e as estratégias de produção e ensino no campo da dança.

Apresentamos assim, nessa confluência de escritas negras relacionais, um panorama de debates e discussões construído na diáspora a fim de mobilizar afetos e disponibilizar estratégias cruzadas na constituição de uma arte da Dança cada vez mais plural, próspera e cidadã.

Boa leitura!

**Fernando Marques Camargo Ferraz**

**Amélia Vitória Souza Conrado**

Editor e Editora do Dossiê Temático